

# Nikolai Leskov: o narrador de Walter Benjamin

**De: Nikolai Leskov**

*Lady Macabeth do distrito de Mtzensk*. Tradução e notas Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2009. 96 p.

**Por: Camila Pierobon**

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPCIS) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista do CNPQ. E-mail: camila\_pierobon@hotmail.com.

Leskov, Nikolai (1831-1898). *Lady Macabeth do distrito de Mtzensk*; tradução e notas Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2009.

Em março de 1936, Walter Benjamin escreve o importante ensaio “O narrador” sobre a narrativa na modernidade capitalista com a intenção de discutir como a arte de narrar, de transmitir conhecimento de pessoa a pessoa, entrava em declínio no momento em que a experiência coletiva (*erfahrung*) se enfraquecia e abria espaço à experiência solitária (*erlebniz*). Este ensaio tem auferido enorme recepção no campo das ciências humanas. Muitos teóricos sociais, críticos da cultura e filósofos recorrem ao texto para refletir sobre as crises e contradições que surgem na moderna capitalista.

No entanto, o título do ensaio contém uma singularidade que é a de tomar a produção de Nicolai Leskov como elemento chave da diferenciação entre narrador e romancista e da caracterização do primeiro como um artesão da palavra, como um criador de histórias a partir do conhecimento dos costumes e das tradições. Por isso Benjamin traduz seu uso como “considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, trazendo outra faceta do texto que é a exemplificação da discussão através da obra do escritor russo e de sua produção narrativa.

O ensaio de Benjamin resultou da encomenda feita pelo periódico alemão **Orient und Okcident**. A aceitação de Benjamin para escrever o texto decorreu do seu interesse pela literatura russa e da particular história de perseguição política ao escritor Leskov. Na década de 1930, sua maior novela, *Lady Macabeth do distrito de Mtzensk*, se transforma em ópera nas mãos de Dimitri Shostakóvich, artista comunista da *avant-garde*<sup>1</sup> revolucionária.

Mesmo aclamada pelo público e crítica, em janeiro de 1936 é assistida por Stalin, provável autor do artigo “Caos em vez de música”, publicado no **Pravda**, jornal soviético e órgão oficial do Partido Comunista Russo, que o acusa de esnobismo, anti-popular e pequeno-burguês. A ópera foi proibida nas salas soviéticas por quase trinta anos.

Este não foi o primeiro acontecimento polêmico que envolveu Nikolai Leskov. Embora o foco de sua narrativa estivesse na vida do povo russo e suas miseráveis condições, ele fora identificado como favorável à repressão policial ao escrever, em 1862, um artigo contrário às idéias dos jovens revolucionários. Hostil às tendências socialistas, Leskov responde a essas acusações com dois romances, *A lugar nenhum* (1864) e *Na ponta da faca* (1870-1871), que atacam o movimento revolucionário e acabam por reafirmar sua reputação de reacionário.

Contemporâneo de Tolstói e Dostoiévski, para citar dois dos maiores autores da literatura russa da época, Nikolai Leskov é dos grandes escritores daquele país cuja obra é pouco conhecida fora da Rússia. Mesmo com a afirmação de Maksim Gorki que diz ser Leskov “o escritor mais profundamente enraizado no povo, e o mais inteiramente livre de influências estrangeiras” (GORKI *apud* BENJAMIN, 1994 p. 214), é apenas nos últimos decênios que se dá o reconhecimento da sua obra e é ampliada a tradução em outras línguas.

O Brasil não fugiu à regra. Aqui existiam algumas antologias de contos russos nas quais se encontravam crônicas e contos de Leskov. É apenas em 2009 que vem a público a sua grande novela *Lady Macabeth do distrito de Mzensk*, com tradução muito bem cuidada de Paulo Bezerra, publicada na Coleção Leste, pela Editora 34, de São Paulo.

A novela foi publicada pela primeira vez em 1865 na revista **Epokha**, dirigida por Fiódor Dostoiévski, com o título *Lady Macabeth do nosso distrito* e sob o pseudônimo de M. Stiebnitski. A história é aparentemente simples. Uma jovem pobre, de vinte e quatro anos, casa-se com um comerciante que já passara dos cinquenta, rico, viúvo e estéril. Com cinco anos de casamento, Catierina Lvovna vive em completo tédio e passa despercebida por todos até conhecer Serguiêi, um rapagão belo, atraente e galanteador que seduz a jovem para conseguir a riqueza do patrão. Apaixonada, Catierina Lvovna mata o marido e comete outros crimes para atender seus próprios desejos e a vontade do amado. A simplicidade da história termina neste exato momento,

pois é na sutileza dos detalhes e na surpreendente finalização do enredo que encontramos a riqueza de Leskov, tão anunciada por Benjamin.

Em cada página, as escolhas de Catierina Lvovna geram um clima de grande tensão e vamos acompanhando o mergulho da personagem em seus mais profundos instintos. Desesperada ao ver o Serguiêi sendo preso pelo sogro, Catierina Lvovna rompe sua situação de submissão e passividade e pede pessoalmente a Borís Timofiêitch que solte seu amante. Com Serguiêi ainda preso, Catierina Lvovna envenena Borís Timofiêitch e faz com que todos acreditem que tenha sido sopa de cogumelo. Fica claro que a heroína de Leskov passará sem escrúpulos por cima de todos até alcançar seu objetivo.

O marido que viajava a trabalho escuta boatos de que a esposa andava “metida em casos interessantes”. Zinóvi Boríssitch, então, retorna à casa no meio da noite na tentativa de encontrar a mulher em flagrante. Esperta, Catierina Lvovna percebe a chegada do marido e esconde Serguiêi. Certa de que jamais seria descoberta, Catierina Lvovna mata Zinóvi Boríssitch e o soterra na areia seca.

Catierina Lvovna é uma personagem que vive na mais apaixonada intensidade os seus desejos. Depois de resolvidos esses empecilhos, acreditava que viveria seu amor e sua riqueza na maior plenitude. Mas aparece Fiédia Liámin, sobrinho de Borís Timofiêitch e também herdeiro de seu patrimônio. Catierina Lvovna vê a chegada do adolescente como mais um impeditivo de sua felicidade. Como “só coramos ao cantar a primeira canção”, provérbio popular russo que abre o livro de Leskov, friamente nossa heroína sufoca o sobrinho doente com a ajuda de Serguiêi.

Perturbado e sentindo-se culpado, Serguiêi confessa todos os homicídios e ambos são condenados a trabalhos forçados na Sibéria. Catierina Lvovna renega seu filho que acaba de nascer e “floresce em felicidade” ao saber que passará a vida ao lado de seu amante. Mas logo na viagem até a prisão, Serguiêi mostra suas verdadeiras intenções. Se o enredo é surpreendente e seu ápice se dá no final do livro, talvez aqui seja o limite do que se pode contar da história para que não se roube a intensidade, guardada aos futuros leitores da obra.

A curiosidade, entretanto, faz com que qualquer resenhista tenda a ler a novela de Leskov com os olhos no ensaio de Benjamin. A primeira pergunta que vem à tona no cruzamento dos textos é: se o ensaio “O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” é amplamente lido e discutido no Brasil, por que somente agora temos a tradução de um livro de Leskov?

Ou, por que sua obra chega ao Brasil de forma lenta, fragmentada e tardia? Sem dúvida, várias razões poderiam ser elencadas, desde as dificuldades de tradução até o gosto contemporâneo do leitor brasileiro.

Nossa direção será a de manter a presença de Benjamin como guia na tentativa de divulgar a novela de Leskov. Tomemos, de saída, a proposta de Benjamin de que é necessário penetrarmos no texto de Leskov para indagar a quem ele é dirigido. O desprezo por essa indicação parece levar as interpretações do ensaio “O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” por um caminho que o revela como nostálgico, melancólico e romântico. Alguns chegam a defender que Benjamin negaria no ensaio a própria modernidade e proporia um retorno ao passado. Para esses intérpretes, haveria uma única possibilidade de leitura anunciada por Benjamin que seria aquela que associa modernidade e progresso, quando, no fundo, a vivência contraditória da modernidade revelaria, todo tempo, a dialética entre tradição e moderno.

Mas também se pode apontar que esse equívoco provém da ausência do texto de Leskov no campo de produção das leituras de “O narrador”. Sem a leitura de Leskov talvez essa interpretação se torne possível, mas ao ler a novela *Lady Macabeth do distrito de Mzensk*, e outros de seus escritos, percebe-se que o narrador de Walter Benjamin se dedica em sua narrativa a olhar diretamente para a realidade e encontrar nela seus sentidos contraditórios presentes na tragicidade e na ironia das relações sociais. Assim, seus personagens são cruéis, duros, ambiciosos, intensos, apaixonados, carregados de tédio e violência e se afastam de qualquer visão naturalizada e romantizada do real.

Se Leskov é o grande narrador de Walter Benjamin, não é por uma literatura romântica ou nostálgica, mas pela profundidade com que apresenta a cultura popular e a alma do povo russo. Sua narrativa está vinculada à tradição oral e suas histórias são retiradas da experiência cotidiana. A linguagem utilizada pelo narrador é aquela usada no dia a dia da vida do povo russo. Leskov não foi um romancista; seus textos são, em grande maioria, contos, crônicas e novelas populares, formas essas que divergem daquilo que durante muito tempo foi canonizada como a “alta literatura”. Ele se dedicou a cultivar a palavra, a transformá-la numa dimensão marcada dos conflitos, dos desejos e dos interesses que habitam as almas humanas.

Leskov, para Benjamin, produz textos que estão enraizados na vida popular, expressando, por isso, um tipo de narrativa à margem das tendências subjetivas e individualistas que eram a marca das literaturas dominantes.

Leskov representava o que ficava de fora, a “literatura periférica” em vários sentidos, desde a sua forma de produção até os seus sujeitos e as realidades associadas a eles. Nesse sentido, a narrativa de Leskov se colocaria na contramão do romance como forma literária típica da literatura burguesa moderna capitalista, que tem sua origem no “indivíduo isolado, que não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes e que não recebe conselhos nem sabe dá-los” (BENJAMIN, 1994, p. 201). A conclusão de Benjamin é que a experiência coletiva, como aquela capaz de dar conselhos e levar a um senso prático comum, é cada vez mais rara na literatura ocidental.

Mas voltemos a Leskov ainda guiados por Benjamin. Lendas, anedotas, fábulas, dizeres populares, causos comuns, memórias de infância são a base de onde Leskov retira as idéias para trabalhar com virtuosismo suas histórias. É nesse processo que nasce a personagem Catierina Lvovna; de uma lembrança da infância em que “certa vez um velhote vizinho, que ‘vivera demais’ com seus setenta anos, foi descansar debaixo de uma groselheira num dia de verão, e a impaciente nora lhe despejou lacre fervente no ouvido... Lembro-me do enterro dele... A orelha desprendeu-se... Depois um carrasco a torturou na praça. Ela era jovem, e todos se admiraram da sua brancura” (LESKOV *apud* BEZERRA, 2009, p. 85).

Nikolai Semeónovich Leskov nasceu em 1831 às margens do rio Volga, que atravessa grande parte do território russo e é de extrema importância na vida e imaginário do povo russo. Seu pai foi funcionário público e mais tarde mudou-se com a família para o campo; a mãe vinha de família nobre, a avó era comerciante e os outros avós sacerdotes. Na adolescência, Leskov trabalhou como escrivão e, quando se tornou adulto, como administrador de fazendas para uma firma inglesa. Na diversidade familiar, Leskov conheceu em profundidade vários modos de ser e condições de existência russa. O trabalho como escrivão e depois como administrador lhe permitiu conhecer múltiplas histórias de pessoas que se fazem presentes em sua obra.

São a pluralidade e a profundidade que o tornam um grande conhecedor da vida e dos costumes russos. E é essa imersão o que mais encanta Walter Benjamin. Narrador cativante e surpreendente, Leskov sabe o valor do detalhe e dos contrastes. Com a fluidez de estilo, trabalha o rico movimento dos seus personagens. É na “miudeza” da conversa entre Catierina Lvovna e seu amante Serguieï que ficam claras as suas ilusões e os interesses do amante.

Uma crueza de enredo que não precisa dar as explicações psicológicas dos personagens e deixa ao leitor a construção das perguntas e respostas que levem à interpretação, ao entendimento e à finalização. Se “metade da arte narrativa está em evitar explicações” (BENJAMIN, 1994, p. 203), em *Lady Macabeth do distrito de Mtzensk* Leskov é magistral, fazendo com que a manutenção da tensão em todo o texto leve ao entendimento da amplitude do episódio narrado e conserve a sua força dramática no tempo.

Essa *Lady Macabeth Siberiana*<sup>2</sup>, mesmo inspirada na *Macabeth* de Shakespeare, dela se diferencia, pois a heroína de Leskov mata sem arrependimento. Uma *Lady Macabeth* à russa que deixa seu próprio criador perplexo. A respeito dessa perplexidade, Leskov disse: “às vezes eu ficava tão aterrorizado que eu mal podia suportar [...] ao final, meu cabelo ficou em pé, me crescia um gelo ao menor ruído de minhas pernas ou de uma virada do meu pescoço [...] desde então, eu evitei descrições de semelhante terror” (LESKOV *apud* EMERSON, 1989, p. 60, tradução minha). A perplexidade do autor revela como a história pode representar fins assustadores para aquele que a cria. No processo de criação, o que parece agir sobre Leskov é a própria realidade russa, revelada na intensidade do movimento de composição que mistura realismo e tragédia, e nas ações que ganham tal expressão de violência que provocam surpresa e curiosidade, especialmente porque o movimento oscila entre rompantes de violência e situações de tranquilidade.

Erich Auerbach, em seu estudo crítico sobre a representação da realidade na literatura, comenta sobre a literatura russa do final do século XIX, em especial a literatura de Dostoievski, e escreve:

Parece que os russos conservaram para si uma imediaticidade das vivências como já era difícil encontrar na civilização ocidental no século XIX; um estremecimento forte, vital, ou moral, ou espiritual, atíçãos imediatamente nas profundezas dos seus instintos, e eles caem num instante de uma vida calma e uniforme, por vezes quase vegetativa, para precipitar-se nos mais terríveis excessos, tanto práticos quanto espirituais. (AUERBACH, 2001, p. 469)

A leitura deste trecho cabe exatamente para *Lady Macabeth do distrito de Mtzensk*. Ele parece ter reconhecido a profunda explosão de sentidos que aparece no texto de Leskov.

Chegamos ao momento derradeiro e ainda não sabemos se convencemos os leitores da importância e do prazer da produção de Leskov. Faremos uma última tentativa que talvez provoque alguma curiosidade sem, entretanto, revelar o final que é, como todos os passos da narrativa do autor russo, surpreendente. Mas, diríamos, para terminar, que diante das manifestações de intolerância que afetam as almas aflitas contemporâneas, a obra de Leskov pode provocar e fazer refletir, mexendo com a vida e agitando as consciências. E se isso não for suficiente, a leitura da novela publicada em 2009, no Brasil, é um exemplar formidável da lapidação da palavra, da capacidade de insinuação da linguagem e da beleza das formas que fazem das palavras imagens.

### Notas:

1 Mantivemos o termo em francês intencionalmente, dada a distinção que a autora Susan Buck-Morss faz em seu texto entre *avant-garde* (política e artística) e *vanguarda* (no sentido leninista).

2 Referência e título do filme do diretor polonês Andrzej Wajda, de 1962, inspirado na *Lady Macbeth do distrito de Mzensk* de Leskov.

### Referência bibliográfica

AUERBACH, Eric. *Mimesis. A representação da realidade na literatura ocidental*. 4. Ed. São Paulo: Ática, 2001.

BENJAMIN, Walter. “O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BEZERRA, Paulo. “A narrativa como sortilégio”, In: *Lady Macbeth do distrito de Mzensk*. São Paulo: Editora 34, 2009.

BUCK-MORSS, Susan. “Walter Benjamin: entre moda acadêmica e Avant-garde”. **Crítica Marxista**, Campinas, n. 10, p. 48-63, 2000. Disponível em: [http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/A\\_Buck-Morss.pdf](http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/A_Buck-Morss.pdf). Acesso em 20 jul. 2011.

EMERSON, Caryl. “Back to the Future: Shostakovich’s Revision of Leskov’s ‘Lady Macbeth of Mtsensk District’”. **Cambridge Opera Journal**, vol. 1, n. 1, p. 59-78, 1989. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/823597>. Acesso em 20 jul. 2011.

Recebida para publicação em julho/2013.

Aceita em novembro/2013.